

A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DO FUTURO DO PRETÉRITO E PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO NA FALA CAPIXABA

Leila Maria Tesch*

Resumo: Este trabalho analisa a variação entre as formas do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do indicativo, sintéticas (*amaria* e *amava*, respectivamente) e perifrásticas (*iria amar* e *ia amar*, respectivamente), na expressão de informação no âmbito do *irrealis*, na fala de informantes capixabas. Com base nos princípios da Sociolinguística Variacionista, foram investigados os contextos linguísticos e sociais correlacionados à variação estudada. O *corpus* pertence ao banco de dados do projeto “O português falado na cidade de Vitória”, PortVix. No conjunto, os resultados demonstraram um uso equilibrado entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo. Analisando-se separadamente os verbos não-modais e modais, aqueles foram mais utilizados no futuro do pretérito e estes, no pretérito imperfeito do indicativo, além de inibirem as formas perifrásticas. Os três fatores sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) foram selecionados pelo programa computacional *Goldvarb* (versão 2001). A forma perifrástica IA + verbo foi favorecida nos falantes mais jovens, em verbos não-modais, resultado que pode indicar um processo de mudança em curso. Em relação aos fatores linguísticos investigados, o paralelismo, o tipo de texto e a saliência fônica foram significantes para a escolha das variantes.

Palavras-chave: Variação. *Irrealis*. Futuro do Pretérito. Pretérito Imperfeito. PortVix.

Abstract: This study analyses the variation between the verb forms of the future in the past and of the imperfect past in the indicative, both the synthetic (“*amaria*” and “*amava*”, respectively) and periphrasis (“*iria amar*” and “*ia amar*”, respectively), in expressions of information in the sphere of the *irrealis*, in the Portuguese as spoken by the capixabas, i.e. the people from the state of Espírito Santo, Brazil. Considering as basis the principles from variational sociolinguistics, linguistic and social contexts correlated to the variation being studied were investigated. The corpus belongs to the data bank of the project “The Portuguese as spoken in the city of Vitória”, PortVix. By and large, the results demonstrate a balanced use of the past in the future and the imperfect past in the indicative. When the non-modal verbs and the modals were analysed separately, the first were more used in the future of the past; while the latter, in the imperfect past in the indicative, besides presenting the periphrastic forms. The three social factors (sex, age and education) were chosen by the computer program *Goldvarb* (2001 version). The periphrastic IA + Verb was the most favoured by the speakers of younger age, in non-modal verbs, the result of which may indicate a process of change under course. As to linguistic factors investigated, parallelism, text type and the phonic salience were significant in the choosing of the variants.

Keywords: Variation. *Irrealis*. Future in the Past. Imperfect Past. PortVix.

* Aluna de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: leilatesch@yahoo.com.br.

Introdução

Este estudo analisa a variação entre as formas futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, sintéticas (*estudaria* e *estudava*, respectivamente) e perifrásticas (*iria estudar* e *ia estudar*, respectivamente), na expressão de informação no âmbito do *irrealis*, concentrando seu foco numa região ainda pouca pesquisada - a cidade de Vitória. Toma por base a Teoria Sociolinguística Variacionista e investiga, portanto, os contextos linguísticos e sociais correlacionados à variação.

Assim, o *corpus* utilizado neste trabalho pertence ao projeto “O português falado na cidade de Vitória”, PortVix, que se constitui de entrevistas com 46 informantes nativos da capital do Espírito Santo, Vitória. Os falantes estão estratificados de acordo com a idade, sexo e escolaridade do entrevistado, Yacovenco (2002).

Essa cidade, fundada há 450 anos, ainda não possuía estudos sistemáticos de caráter sociolinguístico e a formação desse banco de dados permitiu o registro da língua em seu uso efetivo, abrindo caminho para o conhecimento mais aprofundado da realidade linguística atual da comunidade de fala capixaba. Além disso, pode contribuir para a ampliação do rol de banco de dados existentes no Brasil, com descrições que venham a ser úteis para um melhor e mais sistemático conhecimento das diferenças e múltiplas realidades linguísticas vivenciadas pelos falantes do português brasileiro.

Este estudo é o primeiro a utilizar sistematicamente todo o *corpus* do PortVix, mas se espera que seja o primeiro de uma série de investigações que tem por objetivo mais amplo constituir um observatório da variação linguística nessa comunidade de fala.

Na fase de coleta de dados, verificou-se a variação futuro do pretérito/ pretérito imperfeito do indicativo nas entrevistas realizadas e observou-se que tal variação não era binária, pois foram encontradas paralelamente às formas sintéticas, as perifrásticas. De fato, essa variação não se restringe ao *corpus* analisado, pois pode ser constatada em diversos contextos.

Retomando as variantes consideradas nesta pesquisa, têm-se as seguintes formas:

(1) Futuro do pretérito na forma sintética, doravante FP:

(Se eu fosse você, não *esqueceria* que hoje é o nosso primeiro aniversário de casamento);

(2) Pretérito imperfeito do indicativo na forma sintética, doravante PI:

(Se eu fosse você, não *esquecia* que hoje é o nosso primeiro aniversário de casamento);

(3) Futuro do pretérito na forma perifrástica, doravante IRIA + V:

(Se eu fosse você, não *iria esquecer* que hoje é o nosso primeiro aniversário de casamento);

(4) Pretérito imperfeito do indicativo na forma perifrástica, doravante IA + V:

(Se eu fosse você, não *ia esquecer* que hoje é o nosso primeiro aniversário de casamento).

No entanto, ao se consultar uma gramática tradicional ou livro didático, verifica-se que o PI é definido como expressão de uma ação habitual ocorrida num intervalo de tempo passado e o FP relacionado às noções de hipótese, incerteza e/ou futuro relativo a um momento passado. As definições do PI não citam o seu uso no ambiente sintático-semântico tradicionalmente definido para o uso do FP. Além disso, as formas perifrásticas, constituídas pelo verbo IR + infinitivo do verbo principal, raramente são previstas nas gramáticas.

Assim, o presente estudo revela-se importante não apenas para a teoria linguística, especialmente para as abordagens Sociolinguística e Funcionalista, mas, também, para o ensino de língua portuguesa em escolas de Ensino Fundamental e Médio, uma vez que proporcionará um conhecimento da língua efetivamente falada pelos capixabas e, conseqüentemente, propiciará um ensino de língua materna mais próximo da realidade linguística dos alunos, contribuindo para uma revisão do conceito de norma, visto que nem sempre os falantes se utilizam da norma-padrão no seu cotidiano. É, portanto, objetivo deste trabalho: 1) analisar a variação entre o futuro do pretérito e pretérito imperfeito, com a noção de *irrealis*, no português falado pelos capixabas e 2) verificar quais variáveis sociais e linguísticas propiciam a variação.

Fundamentação teórica

A sociolinguística variacionista é um modelo teórico que tem por pressuposto a possibilidade de sistematização da heterogeneidade linguística. William Labov foi um dos primeiros a relacionar as variações linguísticas às diferenciações existentes na estrutura social de cada comunidade, formulando a Teoria Variacionista. O pressuposto básico do estudo da variação – entendida como a coexistência de duas ou mais formas para dizer a mesma coisa, ou seja, com o mesmo significado - é o de que a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas regulada por um conjunto de regras.

Segundo Chambers (1995), a variação linguística não é livre, mas obedece a padrões regulares que possuem significação social, revelam a forma como as línguas os refletem e as

relações sociais. Os dados podem ser analisados sem ser necessário se recorrer ao axioma da categoricidade. A sociolinguística entende que a homogeneidade linguística é um mito, que pode trazer consequências graves na vida social.

Essa heterogeneidade na estrutura linguística pode ocasionar um processo de mudança ou uma variação. Weinreich (2006, p. 126) afirma que toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade, contudo nem toda variabilidade e heterogeneidade implicam mudança. Ainda a respeito da mudança, para Labov,

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre, ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Revisão bibliográfica

Durante o estudo, encontraram-se textos que apresentavam direta ou indiretamente o tema da alternância FP *versus* PI. Abordam-se a seguir questões referentes ao tema em foco sob a ótica de Said Ali (1969), Bechara (1989; 2003), Câmara Jr. (1956 e 2001) e Costa (1997 e 2003).

Said Ali (1969, p. 165)¹, em sua *Grammatica Secundaria de Língua Portuguesa*, já na primeira metade do século passado, afirma a possível substituição do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do indicativo ou pelo pretérito mais que perfeito do indicativo, em orações condicionadas.

Bechara (2003) não cita a substituição do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do indicativo. Para ele, o futuro do pretérito implica a modalidade condicional, em referência a fatos dependentes de certa duração, como em *cantaria*. Contudo, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (1989, p. 274), afirma que o futuro do pretérito pode ser substituído pelo pretérito imperfeito do indicativo, principalmente na conversação, “quando se quer exprimir fato categórico”, ao citar os possíveis empregos dos tempos verbais do indicativo.

A forma verbal portuguesa em -ria, de Câmara Jr. (1956), é uma obra de suma importância para a fundamentação deste trabalho. Abordam-se os problemas da designação dessa forma verbal e as formas que podem substituir outras que também expressam a irreabilidade. Além disso, discute-se a dificuldade de encarar o morfema *-ria* como um tempo

¹ A data se refere à 8ª edição do livro, o qual foi escrito provavelmente durante a década de 1930.

pertencente ao modo indicativo, visto que não apresenta muitas características que possibilitariam considerá-lo como tal. Mattoso Câmara apresenta o fenômeno de substituição do futuro do pretérito por uma categoria temporal de passado como “um emprego essencialmente coloquial e popular, pertencente a um plano linguístico em que não foi introduzida a forma de futuro com a mais elaborada tripartição das categorias temporais” (1956, p. 74). Além disso, o autor relaciona o uso do pretérito imperfeito na função de *-ria* a uma falta de projeção do fato num tempo futuro. A partir do ponto de vista do autor, é possível perceber que a forma verbal portuguesa em *-ria* apresenta um uso que vai além de muitas expectativas. Vale pontuar que o autor ainda cita que há formas perifrásticas, com um infinitivo e o auxiliar para expressar os dois tempos do futuro. E acrescenta que a variação entre os dois tempos verbais, ora estudados, está além de ser uma questão temporal, e sim relacionada ao valor modal. Nota-se, a partir do exposto, que para Mattoso o futuro do pretérito é considerado um tempo verbal, porém revestido, de forma marcante, de um valor modal, seja de condicionalidade ou de incerteza, dúvida.

Costa (1997), em sua dissertação de mestrado, analisa a variação entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, em suas formas sintéticas e perifrásticas, com a noção de *irrealis*, sob a perspectiva da Teoria Variacionista, investigando os fatores linguísticos e sociais que favorecem essa variação. Para realizar tal pesquisa, utilizaram-se dois *corpora*, um de língua falada informal (amostra do Programa de Estudo sobre o Uso da Língua – PEUL/ UFRJ) e outro de língua escrita informal (amostra Cartas). Os resultados encontrados pela autora demonstram uma preferência da modalidade escrita pela forma de FP, enquanto na fala informal há uma gradação entre os usos de PI, FP, IA + V e IRIA + V. A autora chega à conclusão de que as perífrases IRIA + V e IA + V parecem não ser meras substitutas de suas correspondentes sintéticas, pois possuem contextos sociais e linguísticos próprios, sendo preferidas, geralmente, quando a forma verbal é extensa. Os mais velhos preferem a variante IRIA + V, enquanto os mais jovens IA + V.

Costa (2003), em *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*, analisa a variação entre o futuro do pretérito, o pretérito imperfeito, as perífrases ‘ia + infinitivo’ e ‘iria + infinitivo’, além da variante ‘havia de + infinitivo’ que expressam a noção de *irrealis*, numa perspectiva diacrônica. As amostras utilizadas para o estudo fazem parte do banco de dados do projeto PEUL/UFRJ em dois momentos distintos do tempo: uma amostra coletada na década de 1980 e outra no início dos anos 2000. A respeito da análise em tempo real de longa duração, a autora fez uso de textos teatrais datados do início do século XVIII até final do século XX mais precisamente de 1733 a

1997. A partir deste trabalho, a autora pôde constatar que a variante IA + V vem se estabelecendo como forma inovadora, enquanto HAVIA DE + V praticamente caiu em desuso. Em relação aos resultados de sua pesquisa, menciona, em primeiro lugar, que seus *corpora* são constituídos de 673 ocorrências das formas variantes que expressam o *irrealis*. Um uso equilibrado entre PI e FP, este com 38% das ocorrências e aquele com 39%, a perífrase IA + V 17%, HAVIA DE + V 6% e IRIA + V não representou nem sequer 1% das ocorrências. É possível perceber a partir do banco de dados uma oscilação nas ocorrências das formas FP e PI na linha do tempo. A variante IRIA + V apareceu poucas vezes, sendo excluída da análise.

Metodologia

Seguindo os procedimentos teórico-metodológicos da Teoria Variacionista, procurou-se obter um número significativo de dados do uso real do capixaba. Foi obtido um total de 1080 dados das formas variantes estudadas no âmbito do *irrealis*. Vale ressaltar que este trabalho relata os resultados da primeira pesquisa a analisar sistematicamente todo o *corpus* PortVix.

Depois de efetivada a coleta de dados, levantaram-se as hipóteses sobre quais fatores linguísticos e extralinguísticos estariam relacionados ao uso de cada forma variante. Pesquisou-se um total de seis grupos de fatores - as variáveis independentes. Analisaram-se três fatores linguísticos: 1) Paralelismo; 2) Tipo de texto e 3) Saliência fônica. Além de três fatores extralinguísticos: 1) Faixa etária; 2) Gênero/sexo e 3) Escolaridade. Após levantamento, codificação e digitação, os dados obtidos foram submetidos ao pacote de programas estatísticos computacional *Goldvarb* (versão 2001).

Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa se restringe a formas que expressam o *irrealis*. Foram estudadas as ocorrências de FP, PI, IRIA + V e IA + V, intercambiáveis entre si, retirando aquelas nas quais essa correlação não fosse possível.

Análise

Aqui se descrevem os grupos de fatores relevantes para o uso das variantes em verbos não modais, assim como os resultados da análise quantitativa e sua interpretação. São apresentados, em primeiro lugar, os grupos de fatores linguísticos e, em seguida, os sociais.

Porém, antes da apresentação dos vários grupos de fatores e dos seus respectivos resultados, é interessante mostrar a distribuição das variantes.

Ao todo, foram coletadas mil e oitenta (1080) ocorrências de variantes com a noção de *irrealis*, do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, nas formas sintéticas e perifrásticas, considerando os verbos não modais e modais, nas 46 entrevistas de informantes capixabas. Observe a distribuição das variantes a partir da tabela 1.

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES FP, IMP, IA + V E IRIA + V.

	FP	PI	IA + V	IRIA + V	TOTAL
Nº	443	402	229	06	1080
%	41%	38%	21%	0%	100%

A primeira constatação que se pode fazer é que as formas do FP e PI têm uma distribuição equilibrada. As formas perifrásticas não se mostraram muito recorrentes, principalmente a construção IRIA + V, que, com seis ocorrências, não corresponde sequer a 1% dos dados. A construção perifrástica IA + V representa 21% das ocorrências.

Esse percentual do FP – 41% - não era tão esperado, mas ao se observar o número de ocorrências das formas perifrásticas juntamente às formas sintéticas, obtém-se outro resultado. Observe a distribuição: Futuro do pretérito – 449 ocorrências, 42%; Pretérito imperfeito do indicativo – 631 dados, 58%.

Ao se analisar as formas sintéticas e perifrásticas amalgamadas, é possível constatar claramente a preferência dos informantes pelas formas no pretérito imperfeito do indicativo. Segue abaixo um gráfico expondo a diferença de distribuição ao se considerar as formas sintéticas e perifrásticas separadamente e ao amalgamá-las, observe:

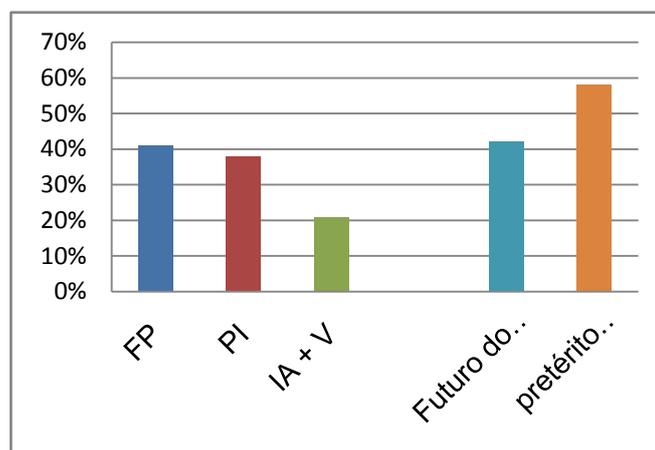


GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES

Portanto, a partir desses resultados, observa-se que, no geral, a informação no âmbito do *irrealis* é expressa preferencialmente pelo pretérito imperfeito do indicativo, ao se considerar as formas sintéticas e perifrásticas juntamente. No entanto, há uma predominância das ocorrências em FP, analisando separadamente as formas sintéticas e perifrásticas.

Vale ressaltar que os resultados apresentados a seguir se referem exclusivamente aos verbos não modais. Os verbos modais foram investigados separadamente por apresentarem comportamento muito distinto. Porém, não é possível descrever esses resultados neste artigo devido ao espaço limitado.

Em relação aos resultados da variação nos verbos não modais, foi possível perceber a preferência da variante FP nos falantes capixabas aqui investigados. Observe a distribuição a seguir:

TABELA 2: DISTRIBUIÇÃO DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES FP, IMP, IA + V E IRIA + V NOS VERBOS NÃO MODAIS

	FP	PI	IA + V	IRIA + V	TOTAL
Nº	341	149	222	06	718
%	48%	21%	31%	0%	100%

É possível que esta preferência pelo FP esteja relacionada ao grau de formalidade da entrevista. Parece que o *corpus* do PortVix manteve uma formalidade em sua composição². Como este trabalho é o primeiro a analisar sistematicamente todo o banco de dados, não é possível compará-lo com outros trabalhos para verificar se essa formalidade se reflete também em outros fenômenos variáveis.

Porém, vale lembrar que, em uma situação de entrevista, denominada por Labov (2008, p. 102-103) como fala monitorada, a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como partes da entrevista. “Não é uma situação formal quanto um discurso público, e é menos formal do que a fala que seria usada numa primeira entrevista de emprego, mas certamente é mais formal do que a conversa casual entre amigos ou membros da família”.

Alguns estudos do banco de dados do projeto PEUL, referentes à análise das entrevistas realizadas em 2000, apontaram uma aproximação maior do uso padrão de certos

² Participei da composição desse *corpus* e fui uma das entrevistadoras em algumas entrevistas. No decorrer de algumas entrevistas, pude perceber que alguns informantes se sentiam prestigiados por participar de uma pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, única universidade federal no Estado. É possível que esses informantes, por serem entrevistados por alunos da UFES, não tenham ficado totalmente à vontade no momento da entrevista, fazendo uso de uma linguagem mais cautelosa.

fenômenos variáveis e se acredita que tal preferência possa estar relacionada a um aumento no grau de formalidade das entrevistas, em comparação às realizadas na década de 1980.

A hipótese sobre o grau de formalidade nas entrevistas com capixabas baseia-se na preferência pelas formas variantes aqui estudadas nas falas dos entrevistadores, pois, em um total de 145 ocorrências em verbos modais e não modais, 75% foram de FP, 10% de PI, 13% de IA + V e 02% de IRIA + V. Assim, é possível verificar a tendência dos entrevistadores a usar a forma tida como padrão.

Um outro fator que parece estar envolvido na preferência por FP é o ‘tipo de texto’, tendo em vista que a noção de *irrealis* ocorre mais frequentemente em sequências argumentativas, ambiente favorecedor para a variante FP. A noção de *irrealis*, de um modo geral, está mais fortemente associada ao discurso argumentativo. As construções hipotéticas, aliás, são estruturas gramaticais usadas frequentemente como estratégia de argumentação. Esse fator parece ser uma das explicações para a maior frequência da variante FP na análise deste estudo.

A forma IA + V obteve um resultado interessante, sendo a segunda variante mais utilizada em verbos não modais. Esse resultado justifica que se investigue separadamente os verbos modais e não modais, tendo em vista que as perífrases são inibidas nos modais.

A perífrase IRIA + V apresenta pouquíssimos dados, não correspondendo a sequer 1% das ocorrências. Tal resultado acarretou a exclusão desses dados da análise.

O PI corresponde a 21% dos dados, no entanto, ao se verificar o seu uso juntando as formas sintéticas e perifrásticas, é possível observar o seu uso ligeiramente mais alto.

A seguir, citam-se os grupos de fatores linguísticos e sociais que se mostraram correlacionados à variação entre FP, PI e IA + V no âmbito de informação do *irrealis*, nos verbos não modais. Como já foi dito, as ocorrências de IRIA + V não puderam ser analisadas pelo programa *Goldvarb* por apresentar um baixo número de dados.

Em relação aos fatores linguísticos, o programa estatístico selecionou como relevantes os seguintes grupos: 1) Paralelismo; 2) Tipo de texto e 3) Saliência fônica. Além disso, os três fatores sociais também foram selecionados pelo programa: 1) Gênero/ sexo; 2) Escolaridade e 3) Faixa etária.

Paralelismo

O paralelismo obteve o primeiro lugar na seleção do programa *Goldvarb* para as três variantes: FP, PI e IA + V. Os resultados na tabela a seguir correspondem a diferentes rodadas do programa³, tomando-se cada uma delas como aplicação separadamente. Os valores correspondem ao peso relativo.

Em relação à pesquisa aqui descrita, a hipótese é que o uso do PI levaria, novamente, ao uso de outra forma no imperfeito e, por outro lado, o uso do FP propiciaria a utilização do futuro do pretérito. Assim como construções perifrásticas com IA + V favoreceriam outra com IA + V.

No *corpus* aqui analisado, distinguem-se dois tipos de ocorrências adjacentes: no discurso do próprio informante ou em relação ao discurso do entrevistador, sendo esta segunda possibilidade de paralelismo, caracterizada pelo caráter interacional, denominada gatilho (cf. Scherre, 1988: 392 e Charlotte Emmerich 1984). Observe os resultados obtidos para as três variantes:

TABELA 3: INFLUÊNCIA DO GRUPO DE FATORES PARALELISMO NA ESCOLHA DE FP, PI E IA + V EM VERBOS NÃO MODAIS

Fatores	FP	PI	IA + V
Ocorrência isolada	.49	.45	.64
Primeira ocorrência de uma série	.46	.72	.47
Ocor. precedida de gatilho no futuro do pretérito	.72	.44	.29
Ocor. precedida de gatilho no pretérito imperfeito	.12	.81	.69
Ocor. em cadeia, precedida de FP	.84	.20	.24
Ocor. em cadeia, precedida de PI	.20	.87	.42
Ocorrência em cadeia, precedida de IA + V	.12	.30	.87

Os resultados expostos na tabela 3 confirmam a influência do fator paralelismo para a escolha da variante no âmbito do *irrealis*: a presença de uma forma leva a outra idêntica em contexto imediatamente posterior, tanto em ocorrências adjacentes no discurso do próprio informante quanto em relação ao discurso do entrevistador (formas em gatilho). Logo, nas

³ Por estarmos trabalhando com uma variante eneária (três formas de expressão do *irrealis*: FP, PI e IA+V), tivemos que agrupar para podermos utilizar o programa computacional *Goldvarb* que só realiza rodadas binárias. Para obter os pesos relativos, foram realizadas três rodadas no programa: 1) FP em detrimento de PI e IA+V; 2) PI em detrimento de FP e IA+V; 3) IA+V em detrimento de FP e PI.

ocorrências em cadeia, FP favorece FP (.84) (exemplo 01) , PI leva a PI (.87) (exemplo 02) e IA + V favorece IA + V (.87) (exemplo 03).

01) eu *moraria*... adoro aquilo ali... Marechal Floria::no... Santa Isabel::... né... tem umas coisa ali muito boni/ bonitinha... agora (inint)... *moraria*... talvez em que::... *moraria*:: em Manguinhos (Mulher, Universitária, acima de 50 anos)

02) ave Maria se você chegasse/ viesse com uma queixa do colégio da professora... você *apanhava* de régua lá no colégio... chegava em casa se você dissesse que apanhou da professora você *apanhava* de novo (Mulher, Universitária, acima de 50 anos)

03) [tema: a criação de uma história em quadrinhos] eu que *ia dar* a história pra ela e ela *ia desenhar* ... e às vezes a gente trocava porque ela adorou a história que eu fiz..eu fiz uma história lá que:: ela ficava com/ com meu primo eu ficava com o namorado dela (Mulher, Ensino fundamental, 07 a 14 anos)

Assim como o falante tende a repetir a forma utilizada pelo entrevistador, as ocorrências em gatilho, uma vez que o futuro do pretérito leva a FP (.72) (exemplo 04) e o pretérito imperfeito do indicativo favorece PI (.81) e IA + V (.69) (exemplo 05). Em relação ao caso de gatilho no pretérito imperfeito do indicativo, vale lembrar que as ocorrências de PI e IA + V foram amalgamadas por haver poucos dados na fala dos entrevistadores de PI, apenas 6, contra 16 de IA + V. Dessas 16 ocorrências, 09 foram precedidas de IA + V, 5 de FP e 02 de PI, confirmando novamente a influência do paralelismo na escolha da variante, favorecendo a repetição da mesma forma.

04) Entrevistador 2 – “e:: se seu irmão de treze anos resolvesse... ‘ah eu quero ir no di/ no Dia D... você *concordaria* assim de primeira?”

Informante – “eu *concordaria*... eu acho assim... meu pai jamais *deixaria* ele ir... jamais” (Mulher, Universitária, 15 a 25 anos)⁴

05) Entrevistador 1 – Você tem vontade de viajar de navio ... você *ia viajar* de navio?

Informante – não... eu não tenho paixão... sai daQUI pra Europa de navi::o. acho que *ia* me *entediaria*... (Mulher, Universitária, acima de 50 anos)

As formas inibidoras para FP são as precedidas de gatilho no pretérito imperfeito do indicativo e em cadeia de IA + V. Em relação ao PI, FP em cadeia inibe o seu uso. Para IA + V, FP em cadeia ou em gatilho funciona como a variante que desfavorece a forma perifrástica.

⁴ A ocorrência sob análise é a que se encontra em negrito e sublinhada.

Tipo de texto

Em geral, a hipótese que norteou a entrada dos tipos textuais como grupo de fatores relaciona-se ao favorecimento do pretérito imperfeito do indicativo em sequências narrativas e descritivas e a preferência do futuro do pretérito em sequências argumentativas. Os fatores deste grupo são:

a) Sequências narrativas/ descritivas: As sequências descritivas foram consideradas juntamente às narrativas, seguindo um posicionamento de Costa (1997, p. 146), a qual pôde constatar que os resultados dos dois fatores considerados separadamente eram muito parecidos. Além disso, nesta pesquisa foi encontrado um número reduzido de ocorrências em descrições. Veja alguns exemplos de uma sequência narrativa:

06) [tema: o dedo polegar quebra durante um jogo] eu esperei chorar em casa assim... depois eu fui lá no médico... eu chorei... fiquei chorando... ai que vergonha... aí fiquei chorando assim... aí depois eu fui pra casa... falei assim pra minha mãe que eu ia lá no pronto socorro...lá no... que eu ia lá no/no meu plano de saúde (Mulher, Ensino fundamental, 07 a 14 anos)

b) Sequências argumentativas: É uma sequência em que o informante sustenta um posicionamento, tentando convencer ou persuadir o ouvinte sobre a posição defendida. A seguir, exemplo desta sequência.

07) [tema: transformar um antigo hospital em um ponto turístico] muito legal porque é:: passaria tudo sobre o que a gente não sabe né que aconteceu o que:: HOUve lá como foi feito ... aí se/se/seria bom ... acho que seria uma coisa Ótima (Mulher, Ensino fundamental, 15 a 25 anos)

c) Lista de atitudes hipotéticas: Conforme anteriormente estabelecido por Costa (1997, p. 147), houve a necessidade de se inserir este fator para análise do *corpus* em questão, uma vez que havia sequências que não se caracterizavam como narrativas, tampouco eram argumentativas. Segundo a pesquisadora, “são simplesmente lista de planos que seriam realizados pelo informante sob certas condições ou caso estas condições fossem efetivadas”. De acordo com Schiffrin (1994 *apud* Costa 1997, p. 148), “o objetivo de uma lista é muito mais simples: enumerar e reunir itens específicos (mesmo quando estes itens são eventos)

como realizações de uma categoria geral”. Nas entrevistas de amostras de fala informal, é possível encontrar listas de eventos relativos a que atitudes o informante tomaria se, por exemplo, ganhasse na loteria, fosse prefeito da cidade, pudesse mudar a educação recebida pelos pais, participasse do programa Big Brother, ou seja, se estivesse em uma situação criada ou sugerida pelo entrevistador, ou até mesmo por ele próprio. Observe um exemplo de uma lista de atitudes hipotéticas:

08) [tema: o que mudaria se fosse escritor de um livro ou novela] o telespectador ou o leitor tem que ter uma história do jeito que ele gosta... cada um tem um jeito de gostar de uma cena só que se a maioria gostasse daquele jeito eu *faria* daquele jeito... só que dependendo também da minha cabeça né se eu gostasse que ficasse com aquele ((risos)) aí:: licença mas não vai dar não ... prefiro aquele ali com aquele do que aquele com aquele ((risos)) é uma embolação ...mas acho que *mudaria* um pouco agora ... *botaria* até os dois pra terem um romance mais no final ... *colocaria* com a mesma pessoa ... provavelmente (Mulher, Ensino fundamental, 07 a 14 anos)

Este grupo foi selecionado para as três formas variantes. Os resultados encontrados confirmam as hipóteses formuladas de que o FP é favorecido em sequências argumentativas e o PI em sequências narrativas/ descritivas. A seguir a distribuição dos dados:

TABELA 4: INFLUÊNCIA DO GRUPO DE FATORES TIPO DE TEXTO NA ESCOLHA DE FP, PI E IA + V EM VERBOS NÃO MODAIS

Fatores	FP	PI	IA + V
Sequências narrativas/ descritivas	.16	.66	.63
Sequências argumentativas	.62	.48	.43
Lista de atitudes hipotéticas	.64	.37	.48

As sequências argumentativas favorecem o uso de FP (.62), confirmando a hipótese de que este tipo textual propicia o uso de FP. Outro ambiente que possibilitou a ocorrência desta mesma variante foi o fator ‘lista de atitudes hipotéticas’ (.64). A diferença do valor do peso relativo desses dois fatores não é significativa, parece que atuam de forma simétrica na influência de FP. Costa (1997, p. 151) também testou a influência deste grupo de fatores e pôde perceber o favorecimento de FP em sequências argumentativas (.61), resultado semelhante ao deste trabalho. Porém, no seu trabalho o fator ‘lista de atitudes hipotéticas’ não se mostrou favorecedor de FP (.44), diferente do resultado do PortVix. Ainda em relação à tabela (4), pode-se constatar que as sequências narrativas/ descritivas inibem o FP. As

sequências narrativas/ descritivas favorecem o uso do pretérito imperfeito do indicativo, tanto nas formas sintéticas (.66) quanto nas perifrásticas (.63), conforme imaginado ao se formular as hipóteses do fator ‘tipo de texto’, tendo em vista que o pretérito imperfeito é um tempo verbal típico das narrativas. Tal resultado também foi constatado por Costa (1997, p. 151) e (2003, p. 119), na amostra 2000.

Saliência fônica

De acordo com este princípio, as formas mais salientes, que se caracterizam por serem mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas que as menos salientes. A respeito da variação na expressão de *irrealis*, acredita-se que a conjugação do verbo é um fator linguístico associado à variação e está relacionado à saliência fônica. Os verbos de 1ª conjugação possuem como desinências modo-temporais de futuro do pretérito e pretérito imperfeito, respectivamente, as formas *-ria* e *-va*, enquanto os verbos de 2ª e 3ª conjugação as formas *-ria* e *-ia*. Assim, a variação em verbos de 1ª conjugação é mais saliente em relação aos de 2ª e 3ª conjugações.

Torna-se preciso pontuar que os verbos irregulares ‘ser’, ‘ter’ e ‘vir’ foram considerados à parte por apresentarem comportamento distinto dos demais verbos (*seria vs. era vs. ia ser; teria vs. tinha vs. ia ter; viria vs. vinha vs. ia vir*). Assim como os verbos ‘dizer’, ‘fazer’ e ‘trazer’, marcados por apresentarem alternância no terceiro fonema do radical - /r/ vs. /z/ (*diria vs. dizia vs. ia dizer; faria vs. fazia vs. ia fazer; traria vs. trazia vs. ia trazer*).

Quanto à saliência fônica neste trabalho, foram consideradas as seguintes possibilidades de ocorrências (em ordem crescente da saliência fônica): 1) Verbo ‘ser’; 2) Verbo ‘ter’ e ‘vir’; 3) Verbos com infinitivo na 1ª conjugação (oposição *-ria vs. -va*); 4) A saliência fônica é de /r/ vs. /z/ e 5) Verbos com infinitivo na 2ª e 3ª conjugações (oposição *-i(e)ria vs. -ia*).

As formas mais salientes são as dos itens (1), (2) e (3), principalmente a primeira, pois há até deslocamento do acento do tema para a desinência. Segundo a hipótese aqui formulada, essas formas favoreceriam a presença de FP, por apresentarem uma diferenciação fônica mais acentuada. Por outro lado, as formas menos salientes, referentes aos itens (4) e (5) favoreceriam o PI e IA + V.

Este grupo foi considerado estatisticamente significativo para as variantes FP, PI e IA + V. A seguir, a distribuição dos dados em relação à saliência fônica:

TABELA 5: INFLUÊNCIA DO GRUPO DE FATORES SALIÊNCIA FÔNICA NA ESCOLHA DE FP, PI E IA + V EM VERBOS NÃO MODAIS

Fatores	FP	PI	IA + V
SER	.87	.05	.30
TER e VIR	.48	.55	.35
Verbos com infinitivo na 1ª conjugação	.53	.54	.56
<i>/r/ vs. /z/</i>	.32	.33	.75
Verbos com infinitivo na 2ª e 3ª conjugações	.19	.86	.45

Na tabela 5, sobre a influência da saliência fônica na escolha de FP, pode-se confirmar a relevância deste fator, tendo em vista que a forma verbal mais saliente – o verbo ‘ser’ – foi a que mais favoreceu a escolha de FP (.87). Enquanto a forma menos saliente – verbos de 2ª e 3ª conjugações - funciona como inibidora de FP (.19). Os verbos ‘fazer’, ‘dizer’ e ‘trazer’ favoreceram a ocorrência da forma perifrástica IA + V (.75). A modificação desses verbos para expressar o futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo acarreta uma pequena mudança do radical – alomorfia (*faria vs. fazia; diria vs. dizia; traria vs. trazia*) - possibilitando a ocorrência da forma perifrástica (*ia fazer; ia dizer; ia trazer*). Quanto maior for a saliência fônica do verbo, menor a tendência a ocorrer a perífrase IA + V, pois os verbos mais salientes – ‘ser’ (.30) e ‘ter’ e ‘vir’ (.35) – podem ser considerados como desfavorecedores dessa construção. A respeito da escolha da variante PI, fica claro que a influência da saliência fônica também pode ser percebida: a pouca distinção entre os morfemas *-ria* e *-ia*, marcas de FP e PI, respectivamente, na 2ª e 3ª conjugações, favorece a escolha de PI (.86), ou seja, quanto menos saliente a forma, maior a probabilidade de ocorrer PI, confirmando a hipótese formulada. É interessante observar que esse valor se distancia em 31 pontos do seguinte, marcando bem a influência dela na escolha de PI. Por outro lado, a forma mais saliente – ‘ser’ – inibe a ocorrência de PI (.05), demonstrando que a forma *era* é bastante inibida para expressar o *irrealis*.

Faixa etária

A variável idade é de extrema importância em uma pesquisa sociolinguística, uma vez que indica se certo fenômeno é apenas uma variação ou se já pode ser considerado uma mudança em processo. Labov (1972) expressa que é de extrema importância o estudo deste fator.

A hipótese deste trabalho prevê uma possível mudança a partir de uma análise em tempo aparente. Espera-se que os mais jovens usem mais a forma inovadora (forma perifrástica) e os mais velhos preservem a forma antiga (forma sintética), enquanto os informantes de meia idade devem mostrar um comportamento neutro. Ao rodar os dados no programa *Goldvarb*, o fator idade foi selecionado para as formas variantes PI e IA + V.

TABELA 6: INFLUÊNCIA DO GRUPO DE FATORES FAIXA ETÁRIA NA ESCOLHA DE PI E IA + V EM VERBOS NÃO MODAIS

Fatores	PI	IA + V
07 a 14 anos	.35	.64
15 a 25 anos	.41	.51
26 a 49 anos	.62	.42
50 anos ou mais	.66	.42

Observando a tabela acima, é possível constatar que os índices confirmam a hipótese de mudança no tempo aparente: os mais velhos preferem usar o PI na forma sintética (.66), enquanto os mais jovens tendem a usar a forma perifrástica (.64). Em relação ao uso de PI, há um decréscimo da sua utilização à medida que se diminui a idade do falante e ocorre uma situação inversa no uso da forma perifrástica. Observe o gráfico abaixo:

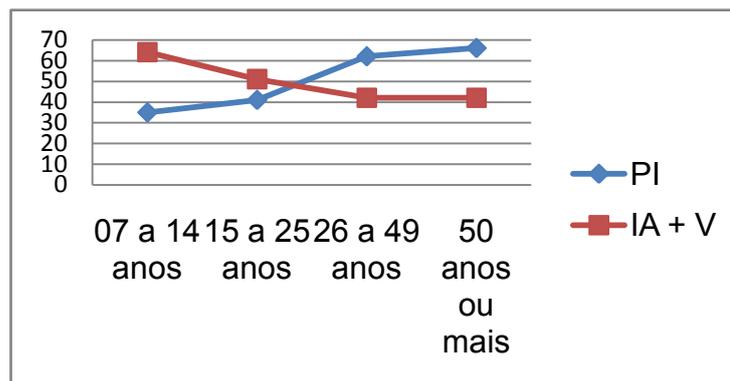


GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DE PI E IA + V, DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA EM VERBOS NÃO MODAIS

É possível perceber claramente a importância do fator faixa etária na escolha das formas variantes de PI e IA + V. Ao se observar os resultados de verbos não modais, confirma-se a hipótese de que a forma sintética pode ser substituída pela perifrástica, uma vez que a tendência maior ao uso de IA + V está nos mais jovens (.64) e as inovações linguísticas são trazidas por essa faixa etária. Os mais velhos desfavorecem o uso da perífrase. Os informantes de faixa etária intermediária (15 a 25 anos e 26 a 49 anos) parecem mostrar um comportamento quase neutro. No entanto, os resultados da variação entre as faixas etárias não nos permitem afirmar a existência de mudança linguística. É preciso, para tal, complementar os resultados relativos a tempo aparente por pesquisas em tempo real.

Gênero/ sexo

Sabe-se que a linguagem de homens e mulheres é distinta, posto que, entre outras razões, reflete visão de mundo e atuação social diferentes. Diversos trabalhos já puderam constatar a existência de diferenças no comportamento linguístico das mulheres e dos homens. Segundo Paiva (2004, p. 34), muitas pesquisas mostram “um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente”.

É preciso lembrar que entre as variáveis aqui pesquisadas não há nenhuma forma estigmatizada socialmente, embora o uso de FP pareça ter um status mais prestigiado. As gramáticas tradicionais apontam o FP como a norma e não apresentam a forma perifrástica IR + V. O PI é algumas vezes descrito como um possível substituto de FP.

Antes de se discutir os resultados referentes ao grupo de fatores gênero/sexo, vale salientar que os fatores sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) não foram os primeiros a

serem selecionados pelo programa para as variantes estudadas, demonstrando que não podem ser considerados como os principais envolvidos na escolha das formas estudadas. Outro fato que confirma a menor significância dos fatores sociais frente aos linguísticos são os resultados não muito polarizados encontrados, que serão descritos a seguir.

A variável ‘gênero/ sexo’ foi selecionada para as variantes FP e PI. É interessante notar que este grupo de fatores não foi estatisticamente relevante para a variante IA + V, a forma inovadora. Observe os resultados:

TABELA 7: INFLUÊNCIA DO GRUPO DE FATORES GÊNERO/ SEXO NA ESCOLHA DE FP E PI EM VERBOS NÃO MODAIS

Fatores	FP	PI
Homem	.56	.43
Mulher	.42	.57

Os resultados da tabela aparentemente contrariam a hipótese inicial. Com efeito, em relação às variantes investigadas, as mulheres não são mais conservadoras que os homens. Ao contrário, embora a diferença não seja polarizada, os homens utilizam mais a forma conservadora FP (.56) do que as mulheres (.42). Além disso, revela que homens e mulheres se distinguem quanto ao uso de PI (.43 e .57, respectivamente). Em relação à variante PI, vale ressaltar que não se trata de uma forma conservadora ou inovadora, assim como não pode ser classificada como prestigiada ou estigmatizada, uma vez que é possível encontrar em algumas gramáticas normativas o seu emprego como alternativa coloquial ao futuro do pretérito.

Escolarização

A escola exerce um papel de destaque no que diz respeito ao domínio da norma culta, prestigiada. Logo, torna-se indispensável que se considere o tempo que o falante passou na escola.

Logo, sendo o futuro do pretérito a única forma mencionada sistematicamente nas gramáticas escolares e, conseqüentemente, ensinada pelos professores de português, espera-se que seja mais utilizada pelos informantes com maior grau de escolaridade, de nível superior, uma vez que o processo de escolarização exerce papel normativizador. As demais variantes – PI e IA + V -, embora não se possa afirmar propriamente que são formas estigmatizadas,

geralmente, são tidas como mais coloquiais. Essas formas são aprendidas e difundidas a partir da interação espontânea dos usuários da língua, não por meio das gramáticas tradicionais. Este grupo de fatores foi selecionado nas rodadas de FP e PI nos verbos não modais.

TABELA 8: INFLUÊNCIA DO GRUPO DE FATORES ESCOLARIDADE NA ESCOLHA DE FP E PI EM VERBOS NÃO MODAIS

Fatores	FP	PI
Ensino fundamental	.35	.62
Ensino médio	.66	.39
Ensino superior	.56	.42

Os índices acima apontam que os falantes com maior grau de escolaridade – ensinos superior e médio - tendem a preferir a variante FP (.56) e (.66), respectivamente, forma padrão difundida pelas gramáticas escolares. Por outro lado, o pouco contato com a escola – ensino fundamental - favorece o uso da variante PI (.62). Esses resultados confirmam a hipótese de que a escola possibilita uma maior aproximação do falante em relação às formas recomendadas pela norma.

Entretanto, os resultados constatados não demonstraram diferenças significativas entre os ensinos médio e superior. Esperava-se que FP fosse mais favorecido nos informantes pertencentes ao grupo de nível superior e não do médio. Assim como a forma PI fosse mais inibida pelos falantes de ensino superior em relação aos do ensino médio.

Conclusão

Esta pesquisa focalizou a variação entre as formas verbais de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, sintéticas e perifrásticas, na expressão de informação no âmbito do *irrealis*, no português falado na cidade de Vitória, Espírito Santo.

Constatou-se que, de um modo geral, os falantes capixabas apresentam uso equilibrado entre as formas FP e PI. No entanto, ao se considerar as formas sintéticas e perifrásticas amalgamadas (PI e IA + V; FP e IRIA + V, respectivamente), pôde-se verificar uma predominância das formas de pretérito imperfeito do indicativo, que correspondem a 58% dos dados.

Uma das hipóteses deste trabalho, na linha de outros estudos sobre verbo que o antecederam, era a de que as formas perifrásticas estariam sendo preferencialmente mais utilizadas às formas sintéticas. Contudo, não foi possível confirmá-la, pois o emprego de IA + V não passou de 21% dos dados e a perífrase IRIA + V não representou sequer 1% das ocorrências. Esse resultado expõe a pouca preferência dos falantes capixabas pelas formas perifrásticas, tendência que se acentua ainda mais nos verbos modais, aqui tratados em separado, devido a suas peculiaridades (a perífrase IA + V representou 1% dos dados e IRIA + V não foi constatada).

O paralelismo foi o primeiro grupo de fatores selecionado e foi confirmada a influência deste princípio, pois a presença de uma forma levou a outra idêntica em contexto imediatamente posterior, tanto em ocorrência adjacente no discurso do próprio informante quanto em relação ao discurso do entrevistador - o chamado efeito gatilho.

Outra variável linguística que também influenciou na escolha das variantes foi o tipo de texto. As sequências argumentativas e a lista de atitudes hipotéticas favoreceram o uso de FP. Por outro lado, nas sequências narrativas/ descritivas, o PI foi a forma preferida, assim como IA + V.

Em relação à saliência fônica, na amostra de verbos não modais, o FP é favorecido pelos verbos mais salientes – principalmente pelo item ‘ser’ - e o PI, por outro lado, é inibido pela formas mais salientes. Esse resultado confirmou a hipótese de que as formas mais salientes favorecem FP, por apresentarem diferenciação fônica mais acentuada. Pois, de acordo com este princípio, as formas mais salientes, que se caracterizam por serem mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas que as menos salientes.

Em relação aos fatores sociais (gênero, faixa etária e escolaridade), vale mencionar que os três foram selecionados pelo programa Goldvarb. No entanto, não se encontravam entre os primeiros, considerados mais significativos. Isso demonstra que não podem ser apontados como os de maior peso na escolha das variantes estudadas. Além disso, alguns deles não confirmam o que se encontra na literatura sociolinguística.

Os grupos de fatores analisados não encerram as possibilidades de sistematização de uso das variantes. A presente pesquisa não pretende traçar um perfil definitivo da variável investigada, mas colaborar com a sua descrição no funcionamento da língua portuguesa usada informalmente, em uma área urbana do Brasil.

Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- _____. *Moderna gramática portuguesa*. 33. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.
- CÂMARA JR., J. M. *Uma forma verbal portuguesa: estudo estilístico gramatical*. Rio de Janeiro, 1956.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- CHAMBERS, F. K. *Sociolinguistic Theory*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995.
- COSTA, A. L. dos P. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1997. Dissertação de mestrado em Linguística.
- _____. *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2003. Tese de Doutorado em Linguística.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- NICHOLS, J. *Functional theories of grammar*. Annual Review of Anthropology 13, Berkeley, 1984. p. 97-113.
- PAIVA, M^a da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento variacionista*. São Paulo: Contexto, 2004.
- SAID ALI, M. *Grammatica Secundária de Língua Portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos Editora, 1969.
- SCHERRE, M^a M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: FL/ UFRJ, 1988. Inédito.
- YACOVENCO, L. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, M. da P.; YACOVENCO, L. (orgs.). *Caminhos em linguística*. Vitória: Nuples, 2002. p. 102-111.